



Sobre as edições usadas para as traduções das cartas

Fábio Baltazar do Nascimento Júnior (UFU)

Para as traduções que ora apresentamos, utilizamos, em primeiro lugar, a edição eletrônica¹ feita pela equipe da prof^a Giulia Belgioioso, diretora do *Centro Interdipartimentali di Studi su Descartes e il Seicento - Ettore Lojacono (CESDES)*. Trata-se de uma edição cheia de excelentes ferramentas para um estudioso: as cartas podem ser procuradas por ano, por autor, contêm as notas (*becquets*) e anotações marginais do exemplar *Clerselier-Institut*, estão paginadas de acordo com as edições de Adam e Tannery, com *Clerselier-Institut* e, também, com a tradução das obras completas lançada pela editora Bompiani, levada a cabo pelo mesmo *CESDES*.

Além da edição eletrônica, consultamos também a própria edição da Bompiani de Milão,² que acabamos de mencionar. O trabalho feito pela equipe do *CESDES* tem a vantagem de valer-se das edições precedentes, sejam completas ou parciais - como a do próprio *Clerselier*, de 1657 a 1667, e até algumas publicações de Erik Jan-Bos e Theo Verbeek,³ - para entregar-nos um conjunto de 735 cartas, de Descartes ou enviadas para Descartes. A equipe ordenou as cartas cronologicamente, numerou-as e fez uso sistemático do exemplar *Clerselier-Institut*, facilitando-nos a consulta de informações presentes nas notas e anotações marginais feitas por Legrand e Baillet. Além disso, a edição Bompiani traz cartas ausentes em edições anteriores, como uma missiva de Bourdin a Descartes (B Let 2807) e até fragmentos extras retirados de Baillet, como em *Descartes a Picot* (B Let 2593). A edição conta, ainda, com uma informativa *Introdução* escrita por Belgioioso, quadros de concordância entre a edição Bompiani e as anteriores, um perfil biográfico de Descartes feito com base nas próprias cartas, um índice biográfico dos seus correspondentes, uma lista das obras citadas nas cartas e de estudos sobre Descartes, um léxico e um índice de nomes.

Quanto à convenção de referência adotada, uma vez que utilizamos amplamente a edição dos italianos, forneceremos, além da tradicional referência à edição de Charles Adam e Paul Tannery, as indicações para a edição da Bompiani. Dado que esta edição é composta de três volumes - o primeiro dedicado essencialmente às obras publicadas ou às obras cujo texto está mais bem

1 Disponível em: <http://www.cartesius.net/epistolari-di-rene-descartes/item/istruzioni-d-uso>. Acesso em 8 de junho de 2018.

2 Descartes. *Tutte le lettere*. A cura di Giulia Belgioioso con la collaborazione di Igor Agostini, Francesco Marrone, Franco A. Meschini, Massimiliano Savini e Jean-Robert Armogathe. Milano: Bompiani, 2009.

3 Erik-Jan Bos. *The Correspondence between Descartes and Henricus Regius*. Utrecht: Zeno, 2002. Theo Verbeek, Erik-Jan Bos, J. Jeroen Van de Ven. *The Correspondence of René Descartes: 1643*. Utrecht: Zeno, 2003.

estabelecido,⁴ o segundo, às obras póstumas⁵ e o terceiro, às cartas⁶ - usaremos, conforme a prática dos próprios editores em suas referências internas, *B Op I* para o primeiro volume, *B Op II* para o segundo e *B Let* para o terceiro, seguidos do número de página.

Breve nota sobre as cartas selecionadas

A originalidade presente nas cartas de Descartes é sentida até mesmo antes da primeira publicação do epistolário então disponível, iniciada em 1657, por Claude Clerselier, já que, a essa altura, já havia publicações de edições parciais, cartas avulsas ou fragmentos.⁷ A seleção que apresentamos traz alguns dos principais temas cuja originalidade tem lugar nas cartas. Por exemplo, entre cartas e trechos, apresentamos cinco *loci* da obra cartesiana relacionados à teoria da criação das verdades eternas, que aparece explicitamente na obra publicada apenas nas *Respostas*.⁸ Particularmente importantes são a carta de Descartes a Mersenne de 1630, em que há a primeira enunciação da teoria, e a carta de Descartes a Mesland, de 1644, em que Descartes explicita que a própria lógica, desde o seu princípio mais fundamental - o de não contradição - até as noções modais como necessário e impossível estão submetidos ao poder infinito de Deus. Também traduzimos a carta ao Marquês de Newcastle, de 23 de novembro de 1646, em que Descartes discorre sobre a alma dos animais mostrando, no final da carta, que seu suposto veredicto sobre a ausência de alma nos animais não é tão decidido. Além disso, em nossa seleção, na carta a Clerselier de 1646, há a solução matemática dada por Descartes ao paradoxo de Aquiles e a tartaruga, em que o autor, já em 1646, utiliza a noção de que a soma de uma série infinita pode ser finita.

Além de teses originais, há na correspondência também esclarecimentos e desenvolvimentos de temas mencionados na obra publicada. Um exemplo disso é a carta de Descartes à Rainha Cristina, de 20 de novembro de 1647, em que o tema da virtude recebe esclarecimentos e até elementos originais em relação ao modo como havia sido abordado em obras como o Discurso e as Meditações.

Decidimos publicar ainda trechos de cartas de 1629 e 1630, que tratam essencialmente de música e da mecânica do som. É cada vez mais questionável a ideia editorial de reunir as cartas “filosóficas” ou “científicas” de Descartes, como, por exemplo, as “cartas filosóficas” publicadas por Anthony Kenny.⁹ As duas cartas a Mersenne sobre teoria musical e o funcionamento de uma flauta trazem consigo, entrelaçadas, questões sobre a relação entre estética, matemática e as paixões. São missivas que servem de exemplos para a dificuldade de dar à correspondência uma classificação a partir de noções muito gerais como “cartas filosóficas” ou “cartas científicas”.

As cartas selecionadas também servem para atenuar a noção de um Descartes como meditante solitário. Embora as *Meditações* comuniquem esse espírito, a correspondência mostra-nos um Descartes ativo na *République des Lettres*, informado e opinando sobre os principais debates

4 Descartes. *Opere 1637-1649*. A cura di Giulia Belgioioso, con la collaborazione di Igor Agostini, Francesco Marrone e Massimiliano Savini. Milano: Bompiani, 2009.

5 Descartes. *Opere Postume 1650-2009*. A cura di Giulia Belgioioso, con la collaborazione di Igor Agostini, Francesco Marrone e Massimiliano Savini. Milano: Bompiani, 2009.

6 Cf. nota 2.

7 Plempius (1601-1671) havia publicado parte de sua correspondência com Descartes na primeira edição do seu *De Fundamentis Medicinae* (1638). Já na segunda edição desta obra, em 1644, Plempius publicou todas as cartas que tinha trocado com o autor das *Meditações*. Johan van Beverwick (1594-1647) também publicou duas cartas trocadas entre Plempius e Descartes em seu *Quaestiones epistolicae* (1644). Por fim, Pierre Borel (1620-1671) também editava, em seu *Compendium vitae Renati Cartesii* (1653), algumas cartas e fragmentos.

8 B Op I, 1185-1187; AT VII 380 e B Op I 1224-1227; AT VII 431.

9 *Descartes: Philosophical Letters*. Translated and edited by Anthony Kenny. Oxford: Clarendon Press, 1970.

da época, bem como recebendo objeções às suas publicações.¹⁰ Em uma das cartas da nossa seleção, a carta de Descartes à Princesa Elizabeth, de setembro de 1646, Descartes opina, a pedido da princesa da Boêmia, sobre *O Príncipe*, de Maquiavel, demonstrando certa resistência ao realismo político apresentado pelo autor florentino.

Optamos por fornecer, no início de cada carta ou reunião de trechos, uma breve nota introdutória, de modo a propiciar ao leitor um pouco do contexto das discussões apresentadas.

Revista digital: www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/modernoscontemporaneos



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

¹⁰ Por exemplo, as objeções de Le Conte aos *Princípios*, enviadas a Descartes por Clerselier em 1646 (B Let 2232-2264; AT IV 453-471).